

METÁFORAS DE SEMELHANÇA NA CONSTRUÇÃO DE REFERENTES DISCURSIVOS: QUAL A ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA?

Léia Cruz de MENEZES

Doutoranda na Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO

Este artigo investiga a referenciação por meio de metáforas na composição da argumentação. Empreendemos análise das expressões metafóricas de semelhança utilizadas por leitores de blogs na representação de “objetos” sociais envolvidos no caso policial Isabella Nardoni. Constatamos a recorrência de metáforas geradas por associações entre seres racionais e irracionais e entre seres racionais/instituições e personagens ficcionais.

ABSTRACT

This article investigates the referencing through metaphors in the construction of the argumentation. We analyzed metaphor expressions of similarity made by blog readers in the representation of social “objects” involved in Isabella Nardoni police case. Recurrence of metaphors made between rational and irrational beings and between rational beings/institutions and fictional characters was found.

PALAVRAS-CHAVE

Argumentação. Construção de referentes. Metáfora conceitual. Metáfora de semelhança.

KEY-WORDS

Argumentation. Conceptual metaphor. Referent construction. Similarity metaphor.

Introdução

De acordo com a visão clássica da metáfora, esta atua como importante estratégia de comunicação, pois veicula idéias difíceis ou mesmo impossíveis de serem transmitidas pela linguagem literal. Seu potencial expressivo está em viabilizar a transmissão de vasta informação em imagem metafórica única, transmitindo a intensidade subjetiva da experiência de uma forma que a linguagem literal tenderia a não conseguir. Entretanto, a constituição da metáfora tem sido limitada à seara dos recursos expressivos, por meio dos quais adornamos o discurso ou clarificamos um conceito que nos pareça abstrato ao nosso interlocutor, e tem sido explicada em termos de similaridades entre dois conceitos. Acerca das motivações da metáfora nessa perspectiva tradicional, lemos:

A existência de similitudes no mundo objetivo, a incapacidade de abstração, a pobreza relativa do vocabulário disponível em contraste com a riqueza e a numerosidade de idéias a transmitir e, ainda, o prazer estético da caracterização pitoresca constituem as motivações da metáfora. (GARCIA, 2001:100)

Tem-se, portanto, no excerto acima, a repetição da idéia segundo a qual os constituintes do mundo objetivo detêm similitudes intrínsecas. No mesmo escrito, a metáfora é assim definida:

Em síntese – didática –, pode-se definir a metáfora como a figura de significação (tropo) que consiste em dizer que uma coisa (A) é outra (B), em virtude de qualquer semelhança percebida pelo espírito entre um traço característico de A e o atributo *predominante*, atributo por *excelência*, de B, feita a exclusão de outros, secundários por não convenientes à caracterização do termo A. (GARCIA, 2001:107) – *grifos do autor*.

Quanto ao modo pelo qual o espírito humano percebe as semelhanças entre os constituintes do mundo objetivo, assim explica Garcia (2001):

Ora, a experiência e o espírito de observação nos ensinam que os objetos, seres, coisas presentes na natureza – fonte primacial das nossas impressões – impõem-se-nos aos sentidos por traços distintos. A pedra preciosa “esmeralda” tem como atributo predominante a sua cor verde, de brilho muito particular. Então, uns olhos com essa mesma tonalidade podem levar a uma associação por semelhança, da qual resulta a metáfora: seus olhos (A) são duas esmeraldas (B). (GARCIA, 2001:107)

Tem-se, portanto, na perspectiva clássica, que os traços dos objetos, dos seres e das coisas presentes no mundo objetivo impõem-se à nossa percepção e que esses traços são apreendidos pelo ser humano via experiência. E se o que julgamos ser a realidade não passar de um produto de nossa percepção cultural? Serão os traços que se impõem a nós ou seremos nós que, apoiados em todo um contexto sócio-histórico-cultural, reelaboramos os dados sensoriais para efeito de compreensão? Tornaremos a essas questões adiante; fiquemos, por enquanto, apenas com as interrogações.

Além dessa metáfora cujo fim é “traduzir noções e conceitos abstratos por meio de referências aos objetos das nossas percepções sensíveis” (GARCIA, 2001:106), há outro tipo de metáfora à qual a tradição convencionou chamar de catacrese. Sobre esta lemos:

A catacrese é, portanto, uma espécie de metáfora morta, em que já não se sente nenhum vestígio de inovação, de criação individual e pitoresca. É a *metáfora tornada hábito linguístico*, já fora do âmbito estilístico. [...] faz-se catacrese quando se diz: enterrar uma agulha na

pele (pele não é terra), sacar dinheiro no banco (banco não é saco), braço da cadeira... (GARCIA, 2001:111) – *grifo do autor.*

Notamos que, na perspectiva clássica, a metáfora propriamente dita é a que tem função estilística. No caso, as que estão incorporadas ao léxico não se prestam a uma funcionalidade; por isso são mortas. E interrogações ficam sem resposta; por que, na linguagem humana, fazem-se notar metáforas sem função estilística, se essa é a razão de ser da metáfora? Se não há função estilística, que função elas teriam?

As questões deixadas em aberto pela teoria clássica assim permanecem enquanto a natureza da metáfora é entendida como puramente linguística. Nos anos 80, no entanto, com o lançamento da obra *Metaphors we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson, uma nova visão da natureza da metáfora populariza-se. A metáfora passa a ser entendida como figura do pensamento.

Lakoff e Johnson argumentam que “nosso sistema conceitual, em termos do qual pensamos e agimos, é de natureza metafórica” (LAKOFF e JOHNSON, 1980:3). Se o nosso sistema conceitual é metafórico, a metáfora é, portanto, parte do nosso sistema de organização do pensamento; assim, as chamadas “metáforas mortas”, na perspectiva clássica, são evidências de que o uso cotidiano da linguagem está impregnado de metáforas, as quais atuam como mecanismos que permitem ao ser humano fazer sentido no universo. Nessa linha de pensamento, conhecida como Teoria da Metáfora Conceitual, a metáfora é definida como o entendimento de um domínio conceptual em termos de outro domínio conceptual; não em termos de similaridades entre características intrínsecas aos objetos, coisas e seres no mundo objetivo.

1. A teoria da metáfora conceitual a partir das contribuições de Joseph Grady ¹

Segundo Grady (1997), há dois possíveis tipos de relacionamento lógico entre os conceitos; a saber: **a correlação e a percepção de semelhança**. As metáforas conceituais, portanto, ou são geradas por correlação entre domínios experienciais distintos [caso das chamadas *metáforas primárias* e das *metáforas compostas de primárias*] ou por percepção de semelhança entre objetos [caso das chamadas *metáforas de semelhança*; das *metáforas de imagem* e das *metáforas do tipo genérico/específico*].

As metáforas correlacionais são frutos de mapeamentos entre domínios conceituais de níveis distintos, mapeamentos esses licenciados, em princípio, por um modelo cultural. Assim, a metáfora DESEJAR É TER FOME, por exemplo, é gerada a partir da correlação entre um domínio fonte, que é sensorial, no caso, SENTIR FOME, e um domínio alvo, que envolve resposta ao input sensorial da fome, no caso, O DESEJO DE SACIAR A FOME. O fato de sentirmos, recorrentemente, fome e de esta experiência vir acompanhada de um desejo é o que gera a metáfora DESEJAR É TER FOME. Por sua vez, esta licencia expressões metafóricas na língua, tais quais: “Ela tem sede de reconhecimento”, “Ela tem fome de poder”.

Grady (1997), no entanto, percebeu que várias expressões metafóricas recorrentes nas línguas naturais não são geradas por correlações entre domínios experienciais distintos. Uma dessas expressões é a comumente citada como ilustração da clássica teoria da similaridade, a saber: “Aquiles é um leão”.

¹ A teoria da metáfora conceitual sofreu reestruturação em seus vários conceitos a partir da Hipótese da Metáfora Primária, proposta por Grady (1997). Visto que a referida hipótese está integrada à Teoria da metáfora conceitual na obra *Philosophy in the Flesh* (1999), de Lakoff e Johnson, partimos do entendimento deste paradigma teórico já a partir das contribuições dos trabalhos de Joseph Grady.

Tornemos às metáforas geradas por correlação a fim de melhor compreendermos a distinção entre uma metáfora do tipo “Ela tem fome de poder” (correlacional) e uma do tipo “Aquiles é um leão” (não-correlacional). De acordo com Grady (1997), a base da metáfora gerada por correlações é a **cena primária**. Esta é uma representação cognitiva de uma experiência recorrente envolvendo relação estreita entre duas dimensões experienciais. Assim, metáforas como DESEJAR É TER FOME, DIFICULDADES SÃO PESOS e QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL, as quais licenciam, respectivamente, as expressões “Ele tem fome de poder”, “Isso tem sido um fardo em minha vida” e “A população dos países europeus continua baixando”, são adquiridas inconscientemente, automaticamente, via processo de aprendizagem neural.

Voltemos, à luz do que acabamos de expor, à metáfora “Aquiles é um leão”. Se postulássemos que essa metáfora é gerada por correlação entre o domínio fonte (leão) e o domínio alvo (homem corajoso), teríamos de admitir 1. a existência de experiências recorrentes capazes de viabilizar a associação entre uma pessoa brava e um leão, de modo a constituir uma cena primária; 2. a existência do atributo “coragem” na caracterização de leão, o que serviria de motivação para a metáfora PESSOAS BRAVAS SÃO LEÕES. Conforme argumenta Grady (1997), as experiências de um homem ocidental, na contemporaneidade, com o animal leão não são suficientes para a formação de uma cena primária. Além disso, a coragem leonina é uma característica humana que nós, humanos, projetamos na atitude do leão, o qual age instintivamente. Essa característica não é parte dos elementos constitutivos do esquema de leões – aparência, habitat, hábitos noturnos, etc.

Com base nessas observações, pondera Grady (1997) que o mapeamento entre leão e homem corajoso “é muito provavelmente baseado na percepção de aspectos comuns em seus comportamentos” (GRADY, 1997:222).

Em que diferem as chamadas metáforas geradas por percepção de semelhança das clássicas metáforas de similaridade? Analisemos a metáfora “Aquiles é um leão” à luz de ambos os paradigmas – o clássico e o da teoria da metáfora conceitual – a fim de elucidarmos essa questão.

Pelo paradigma clássico, a constituição da supracitada metáfora é assim entendida: no plano real, há uma idéia ou coisa a ser definida ou expressa, no caso, “pessoa corajosa”; no plano imaginário, há uma outra idéia ou coisa, no caso, “leão”, em que a imaginação percebe alguma relação ou semelhança com o plano real. Essa área de semelhança entre “pessoa corajosa” e “leão” é possível porque entre os termos comparante (leão) e comparado (pessoa corajosa) há semas – unidades mínimas de sentido – idênticos. Quanto maior for o número de semas compartilhados entre o termo comparante e o comparado, tanto mais expressiva, tanto mais congruente é a metáfora. Assim, entre “leão” e “pessoa corajosa” haveria, pelo menos, um sema compartilhado que permite a constituição da metáfora.

Pela teoria da metáfora conceitual, as metáforas são entendidas como modelos de associação dentro de redes neurais ativadas. Tem-se, que entre “leão” e “pessoa corajosa” há sobreposição de um traço, a coragem, que eles apenas aparentemente compartilham. A ativação desse traço dá-se por semelhanças percebidas pelo ser humano; entre um comportamento de um ser irracional e um comportamento de um ser racional.

Contrastando as duas análises em apreciação, temos que, no paradigma clássico, postula-se um compartilhamento de semas, culturalizados e codificados, entre os termos constitutivos da metáfora. Portanto, é o compartilhamento de traços entre um e outro elemento envolvido na metáfora que viabiliza a construção metafórica. Esses traços, na medida em que constituem os sememas de cada elemento envolvido na metáfora, passam a constituir a significação dos lexemas “leão” e “pessoa corajosa”. A questão é: qual a base para a constituição desses traços?

Na perspectiva da teoria da metáfora conceitual, por seu turno, admite-se que não há o compartilhamento de traços entre um e outro elemento envolvido na metáfora; há sobreposição de um traço só aparentemente compartilhado. Como já consideramos, segundo a argumentação desenvolvida por Grady (1997), entre “leão” e “pessoas corajosas” não há dimensões correlacionais geradoras de uma conceituação que embase uma metáfora primária; o que ocorre é a ativação de uma sobreposição – um comportamento instintivo é superposto a um comportamento humano; o qual passa por um processo de animalização. A base para a constituição dessas percepções de semelhanças encontra-se nos mecanismos cognitivos da percepção e da categorização; incluindo, provavelmente, o papel estruturador dos sistemas imagéticos. Grady (1997) admite a necessidade de estruturação de uma Teoria de Semelhança, para uma melhor caracterização dessas metáforas a partir da compreensão de nossas habilidades de estabelecer semelhanças.

Em suma, enquanto na perspectiva clássica postula-se a existência de traços inerentes à significação dos componentes de uma metáfora, na perspectiva teórica da metáfora conceitual postula-se a percepção de alguns aspectos não inerentes aos membros envolvidos na metáfora. Nossa capacidade de percepção não implica similaridade literal.

2. As metáforas de semelhança na construção de referentes discursivos

Se a metáfora é parte de nosso sistema de organização do pensamento, a conclusão lógica é a de que o uso da metáfora é inevitável. O fato de ser inevitável, por sua vez, significa que a linguagem cotidiana é repleta de expressões metafóricas, as quais são compreendidas em suas significações mediante análise do co(n)texto e dos propósitos comunicativos dos que as utilizam, haja vista realizarem-se no discurso.

Partindo do entendimento segundo o qual o nosso cérebro não opera como um sistema espelhado do mundo biossocial, nossa maneira de ver e dizer o “real” é, portanto, uma reelaboração, para fins de compreensão, dos dados que apreendemos pelos sentidos. E essa reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua (Koch e Marcuschi: 1998 *apud* Koch, 2004:57). Nessa acepção, a discursivização do mundo por intermédio da linguagem dá-se como processo de (re)construção interativa do próprio real. Os *referentes* são, portanto, o produto de nossa percepção e o ato de *referenciação* “privilegia a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores” (Mondada, 2001:9 *apud* Koch, 2004:61).

Tendo em vista que as metáforas de semelhança são geradas pela percepção humana de semelhanças entre objetos; tendo em vista, também, que é a percepção humana a responsável pela escolha do material conceitual mapeado entre os elementos que entram na composição da metáfora de semelhança, postulamos que esse tipo metafórico é bastante produtivo na construção de referentes discursivos. Acreditamos, assim, que a análise das metáforas de semelhança no âmbito do discurso permite-nos compreender os aspectos avaliativos e afetivos na constituição dos referentes discursivos, possibilitando-nos uma compreensão dos valores subjacentes às representações de “objetos” sociais como *situações, interações, grupos, instituições, indivíduos* em dado momento sócio-histórico.

No que concerne à orientação argumentativa na construção dos referentes discursivos via expressões metafóricas de semelhança, registramos nosso embasamento numa perspectiva dialética da argumentação. Nessa perspectiva, compreende-se que, para que a argumentação aflore, é preciso um tema passível de debate, uma idéia a ser

defendida, proposições que justifiquem um ponto de vista e a existência de um antagonista. A argumentação é, portanto, sempre dialógica, pois a presença do interlocutor, mesmo que virtual, é constante.

3. Dados da pesquisa – exercício de análise e reflexão

Partindo da hipótese de que as expressões metafóricas geradas por semelhança, recorrentes no uso linguístico cotidiano, são expressões que se prestam à construção de referentes discursivos, e que o estudo de tais metáforas nos permite compreender os aspectos avaliativos e afetivos na constituição de tais referentes, empreendemos análise das expressões metafóricas mediante as quais usuários de *blogs* representaram os “objetos” sociais envolvidos no chamado caso policial Isabella Nardoni.

Em nossa análise, constatamos que, ao deixar um comentário registrado no blog, o leitor do blog não o faz simplesmente para o blogueiro; ele interage, dialoga, com os demais leitores desta instância digital de interlocução, no sentido de refutar uma linha de raciocínio instaurada por outro leitor, visando à defesa de seu ponto de vista sobre o assunto em discussão. Assim, instauram-se discursos nos quais as expressões metafóricas utilizadas atuam como instrumento de defesa de um ponto de vista. Em linhas gerais, especificamente quanto à discussão envolvendo o caso Isabella Nardoni, percebemos que alguns leitores do blog apontaram o casal acusado do crime como, realmente, os culpados; enquanto outros procuraram discutir a hipótese de uma terceira pessoa adulta estar realmente na cena do crime e ser a culpada. Nesse embate, foram objetos de questionamento a atuação da polícia, da promotoria, das testemunhas; enfim, dos envolvidos, direta ou indiretamente no caso.

O caso Isabella Nardoni refere-se à morte da menina brasileira Isabella de Oliveira Nardoni, de cinco anos de idade, que foi jogada do apartamento de seu pai, localizado no sexto andar do *Edifício London*, em

São Paulo, na noite do dia 29 de março de 2008. O caso gerou grande repercussão nacional e, em função das evidências deixadas no local do crime, Alexandre Alves Nardoni e Anna Carolina Trotta Peixoto Jatobá, respectivamente pai e madrasta da criança, passaram a réus de ação penal. O pai e a madrasta de Isabella afirmaram que o prédio onde residiam foi assaltado e que a menina foi jogada por quem assaltou o prédio. Os laudos periciais não registraram indícios de uma possível terceira pessoa adulta na cena do crime, além do pai e da madrasta.

Compondo esta cena, tem-se, portanto, de um lado, um casal jovem de classe média alta – Alexandre, de 29 anos, e Anna Carolina, de 24 anos; os quais são pais de duas crianças; Pietro, de 03 anos, e Cauã, de 01 ano. A família residia em um apartamento da Zona Norte de São Paulo, avaliado, segundo divulgado pela mídia, em 250.000 reais, o qual teria sido um presente do pai de Alexandre, o advogado tributarista Antonio Nardoni. Do outro lado, tem-se a também jovem Ana Carolina Cunha Oliveira, de 24 anos, de classe média, a qual engravidara do namorado, Alexandre Nardoni, aos 17 anos. Alexandre separou-se de Ana Carolina quando Isabella tinha onze meses. Em acordo jurídico, foi definida pensão alimentícia de 250 reais, paga pelo pai de Alexandre, e o direito a visitas quinzenais. Foi em uma dessas visitas que a menina Isabella veio a óbito.

Durante os meses de abril e maio de 2008, a imprensa brasileira voltou-se para a divulgação do caso Isabella Nardoni. Ao longo de toda a grade da programação televisiva dos canais abertos, e amplamente via internet, informações acerca do caso eram divulgadas – inclusive com interrupções da programação corrente, no caso das emissoras de TV, com o fim de propiciar ao telespectador *flashes*, ao vivo, da entrada do apartamento do casal Alexandre e Anna, da casa dos pais de Alexandre Nardoni, da casa da mãe de Isabella, da porta da delegacia onde o casal prestaria depoimento etc. Blogs também sofreram modificações em suas

linhas usuais de debate. Exemplo disso foi a visibilidade dada ao caso por *blogs* que, tradicionalmente, versam sobre a cena política do país. O blog do jornalista Ricardo Noblat [<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>], por exemplo, em um só dia, destinou o espaço de seis postagens ao caso Isabella, sendo este inclusive o tema da enquete e da charge do dia. A cada postagem do blogueiro, os leitores do *blog* entravam em cena com seus comentários.

Ao longo de abril e maio de 2008, portanto, acompanhamos as discussões travadas pelos leitores do *blog* do jornalista Ricardo Noblat e coletamos várias expressões metafóricas por eles utilizadas na representação dos “objetos” sociais envolvidos no chamado caso policial Isabella Nardoni.

Mediante análise dos dados, observamos, nas expressões metafóricas utilizadas nos comentários analisados, associações recorrentes entre **seres humanos e animais irracionais**, como modo de representação dos indivíduos envolvidos no caso [pai, mãe, porteiro do prédio, tia], na divulgação do caso [repórteres], no desvendamento do caso [promotor] e na “contemplação” do caso [grande público] e **entre seres humanos/instituições e personagens ficcionais**, como modo de representar atitudes dos envolvidos no caso [pai, mãe, suposta terceira pessoa] e atitudes dos envolvidos no desvendamento do caso [promotor; polícia]. Passemos, portanto, à apresentação e discussão das expressões metafóricas nas quais constatamos as referidas associações.

3.1. Associações entre seres humanos e animais irracionais

Embasados nas ponderações de Grady (1997), sobre as quais versamos, hipotetizamos que as associações entre seres humanos e animais irracionais são motivadas pela metáfora conceitual de semelhança

PESSOAS SÃO ANIMAIS². Observemos as expressões metafóricas nas quais essa associação fez-se presente; juntamente com a análise dos valores afetivos e avaliativos.

- (1) “Esse *promotor late* muito em “conversa reservada”, mas não passa de um bobalhão!” [Postado em 11.4.2008/19h19min]
- (2) “O promotor desse caso *parece um pavão*, mereceu levar esculacho do juiz e agora do desembargador. Menos falatório e mais trabalho.” [Postado em 11.4.2008/12h50min]

A análise co(n)textual da primeira expressão revela que o mapeamento metafórico se dá pelo compartilhamento de traços de *impotência* e *inaptidão* do domínio conceitual de cão para o de homem. A relação de semelhança entre os dois domínios é estabelecida pela percepção segundo a qual os cães que atacam eficientemente o fazem sem aviso prévio, sem latidos, o que está cristalizado na expressão proverbial “Cão que ladra não morde”; enquanto os que latem, muitas vezes, apenas latem. Assim, o autor desse comentário assemelhou a atitude do promotor, que muito se expôs à mídia, à atitude do cão que ladra; chamativa de atenção, porém não resolutive.

A análise co(n)textual da segunda expressão revela que o mapeamento metafórico se dá pelo compartilhamento do traço *exibicionismo* do domínio conceitual de pavão para o de homem. A relação de semelhança entre os dois domínios é estabelecida pela percepção segundo a qual os pavões, em virtude de sua exuberante plumagem, são propensos a exhibir-se, o que é mapeado para o domínio conceitual de homem. O autor desse comentário, portanto, assemelhou a atitude do promotor, de muita exposição na mídia, ao exibicionismo do pavão.

² A pesquisadora e professora da Universidade Estadual do Piauí, Silvana Maria Calixto de Lima, em seu artigo “A metáfora de semelhança”, analisa a produtividade da metáfora PESSOAS SÃO ANIMAIS no gênero canção. Recomendamos a leitura do referido artigo na obra *Faces da metáfora*. MACEDO, Ana Cristina Pelosi; BUSSONS, Aline Freitas (orgs). *Faces da metáfora*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

É interessante notarmos que tanto o latir dos cães quanto a plumagem dos pavões são interpretados por nós, seres humanos, respectivamente, como representações de *ineficiência* e de *exibicionismo* e encontramos, assim, semelhanças entre atos humanos e a nossa interpretação do que são características de animais irracionais.

- (3) Observe as cenas da cobertura, os repórteres e fotógrafos se degladeiam³, parecem mais *hienas famintas a procura de sangue* e menos preocupados em passar a informação correta.” [Postado em 10.4.2008/17h18min]

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico dá-se pelo compartilhamento do traço *oportunisto* do domínio conceitual de hiena para o de homem. A relação de semelhança entre os dois domínios é estabelecida pela percepção segundo a qual as hienas, ao invés de caçarem para saciar a fome, aproveitam-se das carcaças deixadas por outros animais a fim de satisfazerem-se. O autor desse comentário, portanto, assemelhou a atitude dos repórteres e fotógrafos, em busca da projeção que lhes daria noticiar algo em torno do caso Isabella Nardoni, à das hienas famintas. Estes – repórteres e fotógrafos – estariam, assim, à espreita a fim de aproveitarem-se das mazelas causadas por outros (carcaças) para efeito de tirar vantagem pessoal. A expressão “hienas famintas a procura de sangue”, aqui compreendida como metáfora de “repórteres e fotógrafos na cobertura de um caso policial”, configura uma avaliação negativa do comportamento desses profissionais.

- (4) “Dois fatos se tornam estarrecedores após esse crime: a postura pétrea do Sr. Antonio Nardoni e a *aparência camaleônica* de Cristiane Nardoni.” [Postado em 10.5.2008/11h52min]

³ De acordo com a ortografia vigente, o correto é “digladiam”. Visando à manutenção da integridade dos comentários tais quais estes foram a público no *blog*, não fizemos modificações nos comentários analisados neste artigo.

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico se dá pelo compartilhamento do traço *adaptação* do domínio conceitual de camaleão para o de homem. A relação de semelhança entre os dois domínios é estabelecida pela percepção segundo a qual os camaleões modificam a coloração de sua pele em consonância com o ambiente, a fim de se protegerem contra predadores, o que é mapeado para o domínio conceitual de ser humano – este, à semelhança dos camaleões, modifica seus discursos, suas atitudes a fim de se proteger ou de proteger outros. Assim, o autor desse comentário assemelhou a atitude da irmã de Alexandre Nardoni, em suas declarações à mídia, sobre o irmão, à atitude do camaleão; que seria adaptativa às circunstâncias.

Percebemos que a metáfora *peças são animais* licenciou, respectivamente, nas representações do promotor do caso Isabella Nardoni, dos profissionais que cobriram o referido caso policial e da irmã de um dos acusados do crime as expressões metafóricas “promotor late” e “parece um pavão”, “hienas famintas à procura de sangue” e “aparência camaleônica”. Em nossa cultura, são recorrentes as expressões linguísticas nas quais flagramos relações entre o homem e outras espécies animais; há, portanto, campo fértil para os estudos dessas metáforas de semelhança.

3.2.Associações entre seres humanos/instituições e personagens ficcionais

Hipotetizamos que as associações entre seres humanos e personagens ficcionais e entre instituições e personagens ficcionais são motivadas, respectivamente, pelas metáforas de semelhança PESSOAS SÃO PERSONAGENS FICCIONAIS e INSTITUIÇÕES SÃO PERSONAGENS FICCIONAIS. Observemos as expressões metafóricas nas quais essas associações se fazem presentes; juntamente com a análise dos valores afetivos e avaliativos.

- (5) “E eu acredito que *Sílvias* (personagem de Alinne Moraes, na novela *Duas Caras*, da Rede Globo) existam. São muitas evidências, muitas coincidências.” [Postado em 10.4.2008/17h36min]

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico se dá pelo compartilhamento dos traços *obsessão, falta de escrúpulos, paranóia* do domínio conceitual de personagem ficcional para o de pessoas na vida real. A relação de semelhança entre os dois domínios é estabelecida pela percepção segundo a qual a personagem ficcional era fria, dissimulada, capaz de atentar contra a vida de quem atrapalhasse seus planos, obcecada pelo namorado, mimada, o que é mapeado para o domínio conceitual de pessoas na vida real – a acusada, Anna Jatobá, à semelhança da vilã ficcional Sílvia, parece dissimular, estar disposta a matar, ter ciúme doentio tanto da enteada quanto do esposo etc. Assim, a expressão “Sílvia”, aqui compreendida como metáfora de “Anna Jatobá”, configura uma avaliação negativa do comportamento de Anna. Como, em um mapeamento metafórico apenas alguns aspectos são evocados, notamos que, neste mapeamento entre Sílvia e Anna Jatobá, não são mapeáveis os traços de sensualidade e requinte que compunham a personagem ficcional.

Um ponto que nos chamou atenção nessa associação concerne à condução, por parte da própria mídia, dessa associação. A mídia construiu uma imagem da acusada, Anna Jatobá, no sentido de mostrá-la como ciumenta, calculista, irresponsável; o que vinha a calhar com vários traços da vilã do folhetim mais assistido pelo país, à época da cobertura do caso policial. Na trama ficcional, Sílvia tenta matar o filho de seu namorado, por ciúmes; na vida real, uma jovem madrasta é acusada de matar sua enteada. Acreditamos, portanto, que um trabalho cuja proposta seja elucidar os mecanismos cognitivos de associação deva discutir a influência da mídia nessas construções associativas.

- (6) “Quem não é aprovado pela OAB é considerado como se tivesse completado a sua Formação Superior? ou é apenas um teste seletivo para admissão em um clube? Esta Lei Fleuri é boazinha mesmo, hein? Basta comprar o canudo, para sair matando. Nem o 007 tem tal poder.” [Postado em 19.4.2008/15h33min]

A análise co(n)textual dessa expressão (007) revela que o mapeamento metafórico se dá pelo compartilhamento do traço *licença para matar* do domínio conceitual de personagem ficcional para o de pessoas na vida real. A relação de semelhança entre os dois domínios é estabelecida pela percepção segundo a qual a personagem ficcional, o agente James Bond, mais conhecido pela numeração que indica sua penalidade em caso de executar um “inimigo do governo” – 00 – e sua matrícula no serviço britânico – 7, é licenciado para matar em nome da defesa dos interesses do Governo Britânico, para o qual trabalha; o que é mapeado para o domínio conceitual de pessoa na vida real. O acusado, Alexandre Nardoni, à semelhança do agente James Bond, também está licenciado para matar. No caso de Alexandre, a licença lhe foi concedida pelo Estado brasileiro em função de um diploma universitário que atesta ser Alexandre Bacharel em Direito. Assim, a expressão “007”, aqui compreendida como metáfora de “Alexandre Nardoni”, configura uma avaliação negativa da legislação brasileira; a qual, segundo o autor do comentário, licencia quem tiver concluído um curso superior a matar; pois este já sabe que sua condição de encarceramento não será tão penosa, pois não ficará em cela comum. Ao correlacionar a personagem 007 a Alexandre Nardoni, o autor do comentário adotou como pressuposto que este é culpado.

- (7) “Eu acho que essa terceira pessoa era *um ET*, e daqueles *tipo Superman*, rápido por demais. Só rindo desses dois palermas, e cadeia para eles.” [Postado em 21.4.2008/15h39min]

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico se dá pelo compartilhamento dos traços *não-humano* e *com superpoderes* do domínio conceitual de personagem ficcional para o de pessoas na vida real. Tem-se aqui uma ironia. Tendo em vista a inexistência de vestígios de um suposto terceiro adulto na cena do crime, estabeleceu a autora do comentário uma associação entre características de seres ficcionais e a suposta terceira pessoa. Para ter adentrado o lar da família Alexandre e Anna, encontrado uma tesoura, rasgado a proteção da janela e jogado a menina Isabella no espaço de tempo alegado pelo casal de acusados, ironizou a comentarista: este teria de ter características não-humanas (um ET) e este não seria qualquer ET, tinha de ser do tipo que tem superpoderes (Superman). Assim, as expressões “um ET” e “tipo Superman”, aqui compreendidas como metáforas de “terceiro adulto na cena do crime”, configuram uma avaliação negativa da versão contada pelos acusados Alexandre e Anna.

Essa construção associativa chama-nos atenção por um aspecto que, a nosso ver, a diferencia das duas anteriores associações comentadas. Enquanto a metáfora “Sílvia” para “Anna Jatobá” e “007” para “Alexandre” são afirmativas, ou seja, estabelecidas pela sobreposição de traços – *obsessão, falta de escrúpulos, paranóia; licença para matar* – entre as personagens ficcionais, Sílvia e James Bond, e as pessoas na vida real, Anna e Alexandre, as metáforas “um ET” e “tipo Superman”, no contexto, estão evocando o absurdo; daí serem lidas como maneiras de ironizar a versão propagada pelo casal acusado do crime.

- (8) “Eu não disse? A polícia brasileira é formada por um *cruzamento do Inspetor Clouseau com Chuck Norris*. Viram como se investiga no Brasil? É assim: o delegado escolhe um suspeito – de preferência um envolvido na história, nesse caso o pai – joga uma suspeita na frente dos jornalistas – que como os delegados, preferem uma declaração já pronta a investigar – que colocam na manchete a suspeita. Aí o delegado escolhe as provas e evidências que encaixam naquele suspeito e coage testemunhas para criar uma clima de culpa, ajudado pela nossa imprensa.” [Postado em 2.4.2008/17h11min]

A análise co(n)textual dessa expressão revela que o mapeamento metafórico se dá pelo compartilhamento dos traços *atrapalhado e aguerrido* do domínio conceitual de personagem ficcional para o de instituição. A personagem Jacques Clouseau é um inspetor conhecido por ser absolutamente atrapalhado. Por sua vez, o ator Chuck Norris acabou por se tornar sinônimo de valentia em decorrência de seus papéis heróicos em filmes de ação. São várias as brincadeiras na Internet que satirizam o espírito belicoso das personagens interpretadas por Chuck Norris. Entre as chamadas “verdades sobre Chuck Norris”, lemos “Uma vez o amor encarou *Chuck Norris*. Desde então o amor é cego.” [www.chucknorris.com.br]. Esses dois estereótipos são postos em cruzamento na expressão formulada; cruzamento esse que, na percepção do autor do comentário, define a instituição “polícia brasileira”. A polícia brasileira, portanto, mostrou-se, na investigação do caso Isabella Nardoni, com uma índole combativa absolutamente atrapalhada. Assim, a expressão “cruzamento do Inspetor Clouseau com Chuk Norris”, aqui compreendida como metáfora de “polícia brasileira”, configura uma avaliação negativa dos métodos usados pela instituição.

Percebemos que as metáforas *pessoas/instituições são personagens ficcionais* licenciou, respectivamente, nas representações da esposa de Alexandre Nardoni, do próprio Alexandre, do suposto terceiro adulto na cena do

crime e da instituição que investiga o crime, as expressões metafóricas “Sílvia”, “007”, “ET/ tipo Superman” e “cruzamento do Inspetor Clouseau com Chuck Norris”. Em nossa cultura, são recorrentes as expressões linguísticas nas quais observamos relações entre o homem e personagens ficcionais. Assim, à medida que a arte reelabora os objetos sociais, estes são reelaborados para fins de compreensão via arte.

No que tange à orientação argumentativa presente nas expressões metafóricas acima consideradas, notamos que tanto as geradas por associações entre seres humanos e animais quanto as geradas por associações entre seres humanos/instituições e personagens ficcionais configuraram avaliações negativas dos objetos sociais representados. Essas avaliações negativas estiveram a serviço da defesa de dois pontos de vista distintos; o dos que afirmavam a culpa do casal acusado do crime e o dos que questionavam essa culpa por mostrarem as falhas da cobertura feita pela mídia e os erros no processo de investigação; erros estes que invalidariam as provas contra o casal Alexandre e Anna.

Assim, os que defendiam a culpa do casal representaram a ambos como homicidas [ele “007”; ela “Sílvia”]; representaram a versão contada pelo casal como absurda [daí o suposto terceiro adulto na cena do crime ser “um ET”, “tipo Superman”]; e desqualificaram a testemunha de defesa de Alexandre por considerá-la dissimulada [daí a “aparência camaleônica” de Cristiane Nardoni]. Por seu turno, os que questionavam a culpa do casal em função da condução do processo investigativo e do modo como a mídia transmitiu o caso, representaram os agentes da lei como desqualificados [daí “promotor late” e “parece um pavão”]; representaram os profissionais da mídia como oportunistas [daí “hienas famintas a procura de sangue”] e a própria instituição policial como despreparada [daí “um cruzamento do Inspetor Clouseau com Chuck Norris”].

Considerações finais

Como parte do sistema humano de organização do pensamento, a metáfora é um meio de reelaboração, para fins de compreensão, dos dados que nos são apreendidos via sentidos. Assim, as expressões linguísticas geradas por percepções de semelhanças entre objetos por meio das quais representamos os “objetos” sociais não são facultativas no discurso. Tais expressões, além de se prestarem à tradução de um conceito abstrato por meio de referências a objetos sensíveis por nossas percepções, como já preceituava a teoria clássica, não se restringem à seara dos recursos expressivos. Por isso mesmo, a análise dessas expressões, na construção de referentes discursivos, permite-nos compreender os valores afetivos, avaliativos e argumentativos constitutivos de um dado discursivo.

Na investigação que fizemos das representações metafóricas dos “objetos” sociais constitutivos do caso policial Isabella Nardoni, notamos quão ricas são as expressões linguísticas geradas por associações que se prestaram à representação das atitudes humanas, quer por meio da percepção de semelhança entre tais atitudes e características de animais irracionais, ou entre tais atitudes e a das personagens ficcionais. Tendo em vista a variedade infinita de pares de conceitos passíveis de entrarem em relação na constituição das metáforas de semelhança, o estudo desse tipo metafórico é campo profícuo à pesquisa.

Referências

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

GRADY, J.E. **Foundations of meaning**: primary metaphors and primary scenes. PhD Dissertation, University of California, Berkeley, 1997.

_____. **A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. Resemblance.** In G. STEEN & R. GIBBS (eds.) **Metaphor in cognitive linguistics.** Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 79-100.

KOCH, Ingedore G.V. **Introdução à linguística textual:** trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by.** London: The University of Chicago Press, 1980.

_____. **Philosophy in the flesh:** the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LIMA, P.L.C. **Desejar é ter fome:** novas idéias sobre antigas metáforas conceituais. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de & BUSSONS, Aline Freitas (orgs.) **Faces da metáfora.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.